

Acesso

Estado lidera em gravidez de adolescentes

Só no Hospital das Clínicas, programa de assistência atende a uma média de 15 adolescentes por semana

Estatísticas do Ministério da Saúde indicam que o Espírito Santo ocupa o posto nada louvável de Estado com maior índice de gravidez na adolescência, com taxa de 9,7% na faixa que vai dos 14 aos 17 anos.

O Programa Multidisciplinar de Assistência à Gravidez na Adolescência do Hospital das Clínicas vem atendendo a uma média de 15 adolescentes grávidas por semana. As histórias são diferentes, mas o perfil é o mesmo.

Sem saber como lidar com o problema, as meninas recorrem ao serviço em busca de ajuda. Segundo a coordenadora do programa, Margarita Martin Garcia de Mateos, a faixa etária do grupo tem caído consideravelmente.

Ela informa que, cada vez mais, aparecem adolescentes grávidas com 11 e 12 anos e o programa é apenas uma amostra de um problema que atinge todo o Estado.

O problema mais grave, segundo Margarita, no entanto, não é biológico. Meninas de 13 ou 14 anos que engravidam, se forem bem acompanhadas, podem ter uma gestação tranqüila. Ela explica que o risco maior é social.

A adolescente, não raras vezes, abandona a escola e é obrigada a

assumir uma responsabilidade para a qual não está preparada, sem, muitas vezes, ter apoio da família e do pai do bebê.

Por isso, a equipe do programa sempre está empenhada, com apoio dos conselhos tutelares, em levar o pai da criança ao hospital, para alertá-lo sobre a sua responsabilidade.

Em todas as reuniões, contudo, fica claro que assumir o filho não significa ter que se casar com a mãe. "O casamento nessas condições pode contribuir para agravar o problema", afirmou.

Ela acredita que a sociedade excessivamente erotizada leva as meninas a começarem a vida sexual cada vez mais cedo.

Margarita não concorda, entretanto, com a posição do ministro José Serra, que afirmou que a apresentadora Xuxa é um mau exemplo porque pode influenciar adolescentes a optarem pela "produção independente", onde a figura do pai não é importante.

"As adolescentes nunca querem ficar grávidas quando iniciam a vida sexual. Acho que Xuxa foi infeliz ao deixar de lado a figura paterna, mas o ministro prova sua falta de informação sobre ao tema ao dizer que as meninas podem ser influenciadas pela apresentadora", afirmou.

Faltam camisinhas

Mais do que assistir adolescentes grávidas, o programa do Hospital das Clínicas também trabalha a educação sexual e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Desde outubro do ano passado, no entanto, a equipe do programa vem enfrentando um problema grave: o governo federal parou de fornecer camisinhas para serem distribuídas às meninas que recorrem ao programa.

A coordenadora e assistente social, Margarita Martin Garcia de Mateos, afirma que as pílulas anticoncepcionais vêm sendo recebidas normalmente, mas o fornecimento de camisinhas foi interrompido.

"Como falar de prevenção a Aids e a outras doenças sexualmente transmissíveis sem ter camisinha?", questiona.

Ela informa que a recomendação do programa para as adolescentes sempre prevê a utilização da pílula e da camisinha, como forma de garantir o plane-

jamento familiar e evitar a transmissão de doenças.

Em muitos casos, a equipe prefere indicar o dispositivo intrauterino (DIU) como método anticoncepcional. O problema é que muitas adolescentes não conseguem se adequar à pílula, que exige regularidade na ingestão.

Segundo Margarita, o DIU pode ser uma boa alternativa porque alguns podem ser utilizados por 10 anos, tempo suficiente para que a adolescente amadureça e possa ser mais responsável por sua sexualidade.

Ao todo, o programa do Hospital das Clínicas recebe, por semana, 32 adolescentes de até 18 anos. Desse grupo, 20 são pacientes novas. Entre as que procuram o serviço pela primeira vez, 15 – o equivalente a 75% – estão grávidas.

Quando só há suspeita de gravidez, o programa, que tem convênio com um laboratório, encarrega-se de realizar o exame.